

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
***CAMPUS* UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA**
DEPARTAMENTO DE LETRAS

LITERATURA E LIBERTAÇÃO

Pontes e Lacerda – MT

2012

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

QUEILA FRANCISCA DE SOUZA

LITERATURA E LIBERTAÇÃO

Trabalho de conclusão do curso de graduação em Letras, apresentada ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso- *Campus* Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Letras.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Madalena Aparecida Machado.

Pontes e Lacerda – MT

2012

Esta monografia foi apresentada perante a seguinte banca examinadora:

Prof^a. Dr^a. Madalena Aparecida Machado

(Orientadora)

Prof^a. Ms. Gislei Martins de Souza

Prof. Dr. Helvio de Moraes Júnior

À minha mãe, que embora não pôde acompanhar de perto a realização deste sonho, tenho certeza de que estava/está torcendo por mim aonde quer que esteja.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus pela sabedoria, por iluminar minha mente a respeito do que fazer e escrever. Deus foi fiel, obrigada Senhor,

À meu pai Sebastião José de Souza e minha madrastra Sônia Maria da Silva de Souza, que sempre tiveram me apoiando nos momentos em que precisei, vocês são um exemplo de vida para mim,

À minha amada irmã Kézia Souza, pelo carinho, companheirismo, por estar sempre ao meu lado me ajudando, aconselhando, e torcendo por mim,

À minha querida prima Sulamita Reis de Souza, que não mediu esforços para me ajudar desde o início do curso até o encerramento deste,

Aos meus familiares, em especial à minha prima Elizabete Palmeiras Lemos, que sempre esteve me apoiando com palavras de fé e otimismo,

À minha estimada amiga de faculdade, Graciele Rosa de Jesus que trilhou esse caminho junto a mim. Juntas vencemos esta etapa, nos apoiando e torcendo uma pela outra com a certeza de que chegaríamos até aqui unidas e vencedoras,

Aos meus amigos Jaredi e Wallison, que sempre estiveram aptos a me ajudar (e mais do que eu inclusive) queriam que este sonho se realizasse,

À minha orientadora Prof^a. Dr^a. Madalena Aparecida Machado, que muito contribuiu para a realização deste belo trabalho, sempre acreditando em mim e no que eu produzia,

Aos componentes da banca: Prof^a. Ms. Gislei Martins de Souza e Prof. Dr. Helvio Gomes de Moraes, que contribuíram para minha formação acadêmica e para a realização deste trabalho, pois elucidaram em suas aulas a relevância da literatura para a humanidade,

Enfim, aos amigos, colegas e a todos àqueles que colaboraram direta ou indiretamente para que este trabalho acontecesse. Àqueles que acreditam em mim, muito obrigada!

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a essa leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista. (LAJOLO)

RESUMO

Este trabalho monográfico apresenta discussões e reflexões acerca da relevância da literatura para a humanidade, e nosso estudo é pautado na interpretação do romance *Travessuras da menina má* (LLOSA, 2006) do escritor peruano Mario Vargas Llosa. O foco do trabalho foi mostrar que embora as personagens do romance sejam fictícias, suas atitudes paradoxais se aproximam da nossa realidade, pois evidencia as várias experiências humanas e a nossa busca constante por libertação. Mostramos também que a sociedade sem o conhecimento da literatura, do romance, se estagna no tempo, pois o estudo e o conhecimento desta é uma das formas de preencher o vazio existencial. Buscamos levantar um subsídio teórico para nos auxiliar na produção deste trabalho, dentre eles destacamos críticos como: Llosa, Todorov, Candido, Blanchot, Deleuze, dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: literatura, libertação, ficção, romance, Llosa

SÚMARIO

INTRODUÇÃO.....	09
I- CAPÍTULO: A Literatura como mediadora entre o homem e o saber.....	11
1.1- O mundo, o romance e a literatura.....	22
II- CAPÍTULO: O Pós-moderno e a fragilidade dos laços humanos.....	28
CONCLUSÃO.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	42

INTRODUÇÃO

Num primeiro momento, fazemos questão de ressaltar que optamos nesta monografia por trabalhar com a literatura, pois desde que iniciamos o curso de Licenciatura Plena em Letras, foi a disciplina que mais nos cativou. Ao longo do curso, percebemos que a leitura, bem como o texto literário são capazes de nos motivar, instigar, fazer com que saíamos do senso comum e passemos a questionar tudo a nossa volta. Disso resulta que temos uma maior clareza para interferir na sociedade que nos cerca. O conhecimento do texto literário aprimora nossa linguagem, visão e percepção do mundo, além do conhecimento de nós mesmos.

Nosso estudo se dá com o romance *Travessuras da menina má* do romancista, ensaísta e crítico literário Mario Vargas Llosa, escritor peruano. O autor mostra em seu romance por meio das várias facetas de seus protagonistas que o texto literário não apenas retrata as atitudes, o comportamento humano, como também as ultrapassam. Com a leitura desse romance, fica evidente ao leitor que embora sejam personagens imaginários se aproximam da nossa realidade, no sentido de mostrar que o homem é movido pela ambição, desejos, aventuras, inconstâncias, tendo em vista que a busca pela aprendizagem é contínua. Assim, as várias teorias discutidas ao longo deste trabalho, contribuíram para aprofundarmos nosso conhecimento acerca do texto literário para que aquilo que apontamos como fatores relevantes para a humanidade advindos do estudo da literatura não estivesse solto no tempo, e sim bem amparado mediante ideias, posicionamentos de estudiosos e críticos literários tornando assim nosso trabalho ainda mais consistente.

Dividimos nossa pesquisa em dois capítulos, o primeiro deles, “A literatura como mediadora entre o homem e o saber”, trata da relevância da literatura para a humanidade, pois a liberta do caos. Aqui fazemos vários apontamentos sobre o romance *Travessuras da menina má* atrelando as teorias lidas para argumentar a favor de que a ficção nos liberta de alguma forma, mostrando que o texto literário não fornece uma verdade absoluta sobre as coisas, porém tematiza questões universais. Encontramos também neste primeiro capítulo um subitem intitulado “O mundo, o romance e a literatura”, que deixa clara a ideia de que não é possível conceber o mundo moderno sem o romance, a literatura, a ficção, pois tais elementos contribuem para o nosso crescimento intelectual, social e cultural.

No segundo capítulo, “O pós-moderno e a fragilidade dos laços humanos”, destacamos, com base no romance de Llosa, as várias facetas do homem no que diz respeito à fragilidade dos relacionamentos, especialmente em se tratando de amor, bem como as inconstâncias da sociedade pós-moderna que cada vez mais perde seus valores e sua essência. Mostramos que o homem mesmo em meio a tanta evolução está à beira do precipício, pois na sua ânsia por estabilidade e progresso acaba retrocedendo. Utilizamos para tanto, teorias que se ocupam do desenvolvimento e relevância dos textos pós-modernos.

I CAPÍTULO: A LITERATURA COMO MEDIADORA ENTRE O HOMEM E O SABER

Travessuras da menina má, obra escrita por Mario Vargas Llosa em 2006, narra um amor diferente, repleto de encontros e desencontros dos protagonistas Ricardo Somocurcio e Lily, é dividida em seis longos capítulos. Ricardo é um narrador-personagem, que inicia a história com uma breve descrição de sua vida no bairro de miraflores (Lima, Peru). No primeiro capítulo intitulado *As chilenitas* narra suas aventuras/desventuras de adolescente, sua paixão arrebatadora por Lily, bem como seu sonho de viver em Paris.

Conhecemos também, neste primeiro capítulo algumas aventuras de Lily e sua irmã mais nova Lucy, que foram apelidadas pelos moradores de Miraflores como *As Chilenitas* por terem vindo do Chile e apresentarem atitudes diferentes das outras moças do bairro. Aos olhos dos jovens Miraflorenses e principalmente de Ricardo, o Chile era um país liberal onde os jovens tinham liberdade de expressão, lugar em que podiam ficar até o dia amanhecer em festas, dançar, fumar, ir ao cinema assistir filmes para adultos sem ter os pais, as mães e as tias observando-os. Lily apresentava-se como uma jovem ambiciosa, aventureira, sonhadora e, acima de tudo, muito enigmática, capaz de fazer qualquer rapaz de Miraflores cair aos seus pés.

Foi num verão fabuloso de 1950 que o jovem Ricardo se viu apaixonado por ela, chegando, inclusive, a se declarar por três vezes. Para cada declaração de Ricardo, Lily sempre tinha uma nova desculpa e na primeira declaração ela disse a Ricardo que ainda era muito nova para namorar. A segunda foi numa pista de patinação e ela novamente afirmou que por mais que gostasse dele não iria contrariar seus pais, pois ainda era muito cedo para ter um namorado; e a terceira tentativa foi numa sorveteria tomando *Milk-shake* aonde mais uma vez ela disse não a Ricardo, alegando que do jeito que se portavam era como se já fossem namorados, saíam juntos para festas, dançavam, iam juntos à praia de Miraflores e sempre os colocavam juntos na brincadeira de verdade ou consequência. Enfim, tudo em Lily o encantava, mas o que chamava mais a atenção além de suas características físicas era o jeitinho em que ela falava por ser tão diferente dos peruanos, era alegre, divertida, usava certas expressões que deixavam os garotos de Miraflores nas nuvens e contava piadas tão pesadas que as moças do bairro ficavam vermelhas de vergonha.

No segundo capítulo do livro intitulado *O Guerrilheiro*, temos a descrição da vida adulta dos personagens os quais saem do bairro em que moravam quando adolescentes em busca de um futuro melhor, cada um trilhando um caminho diferente. Ricardo vai para Paris realizando assim um sonho de adolescente, formado em Direito pela universidade do Peru, chega à Paris e sente que seu diploma não será tão importante num país como este e se dedica a passar no concurso da Unesco para tradutores de espanhol, iniciando assim sua carreira profissional como tradutor. Além do espanhol, Ricardo dedicou suas horas vagas para estudar e conhecer outras línguas como: Russo, Francês, Inglês, pensando na possibilidade de trabalhar como intérprete num desses idiomas se tivesse oportunidade, e com isso, nas horas vagas dedicou-se ao curso de interpretação simultânea, pois por mais que fosse um trabalho mais intenso e difícil que o de tradutor, os intérpretes eram mais procurados.

Nos inícios dos anos 60, Paris vivia a febre da Revolução Cubana e, neste período, o governo cubano tinha oferecido cem bolsas de treinamento guerrilheiro a rapazes e moças do Peru para que aderissem ao movimento, pois eram os anos de confronto entre Pequim e Moscou. Assim, jovens de diversas partes do mundo devido ao bloqueio imposto pelos Estados Unidos à ilha, tinham que passar por Paris para chegar ao seu destino. Paul, um guerrilheiro que trocou os estudos pela revolução, era naquele momento o responsável por alojar estes jovens, vindo, mais tarde, a se tornar o representante oficial do MIR (Movimento de Esquerda Revolucionária) em congressos, simpósios pela paz, pela libertação do Terceiro Mundo e demais causas progressistas. Ricardo ao chegar à Paris foi sustentado inicialmente por Paul, tinham se conhecido no bairro México Lindo e foi através dele que conheceu em Paris alguns nomes importantes do movimento guerrilheiro como: Luis de la Puente Uceda (líder e fundador do MIR), Guilherme Lobatón, entre outros.

Na turbulência da Paris dos anos 60 que Ricardo, após muitos anos, reencontra Otília que agora passa a se chamar camarada Arlette, uma integrante do grupo revolucionário do MIR. Deste reencontro, Ricardo ainda se vê apaixonado por ela, mesmo tendo passado tantos anos desde que saíram de Lima em busca de realizar seus sonhos. Neste momento começamos a conhecer as travessuras da “menina má”, apelido pelo qual Ricardo sempre a chamava nos seus momentos de desejo e desilusão.

Nos demais capítulos do romance até seu desfecho, o narrador vai tecendo os vários encontros/desencontros dos protagonistas ao longo de suas vidas em que seus caminhos se cruzam em diferentes partes do mundo como: Paris, Londres, Tóquio e Madri. É em Paris que

Ricardo descobre através de seu amigo Paul que Otília tinha um caso com o comandante Chacón, momento em que ela ainda era uma integrante do MIR. Desde então, Ricardo a cada novo reencontro se depara com uma nova Otília, pois a cada casamento a personagem trocava de nome numa busca constante pela identidade porque a riqueza já não a satisfaz, pois sua ambição cresce cada vez mais. Na França, casa-se com Robert Arnoux um diplomata Francês e passa a se chamar madame Robert Arnoux, em seguida rouba toda sua fortuna da Suíça e vai embora com um amante.

Os personagens encontram-se também após quatro anos em Londres, cidade que substituiu Paris na segunda metade dos anos 60 por ser a cidade da moda, música, dos cabelos compridos, roupas extravagantes, popularização das drogas, a fascinação pelo espiritualismo Hindu, o Budismo, o amor livre, entre outros. Aqui Ricardo a reencontra com o nome Mrs. Richardson casada com David Richardson, um homem muito rico que tinha negócios na Ásia e uma paixão muito grande por cavalos. Em Tóquio, Ricardo a encontra casada com Fukuda um homem rico e misterioso que contrabandeava afrodisíacos, passa a se chamar Kurico. Casada com Fukuda, submetia-se a atividades sadomasoquistas que mudou completamente sua vida, causando mais tarde graves problemas psicológicos e fisiológicos. Assim se configura Otília, uma personagem em busca constante de vivenciar algo novo, aventureira, ambiciosa que sempre aparecia para “atormentar” a vida pacata de Ricardo ou como sempre dizia “Ricardito” ou ainda, “bom menino”.

Embora o amor de Otília por Ricardo fosse indefinido, aventureiro, após percorrer diversos países com suas muitas travessuras, é Ricardo que lhe estende a mão no momento em que ela mais precisa, estando doente psicologicamente após seu fracassado relacionamento com Fukuda. Após alguns meses de internação para tratamentos psíquicos e aparentemente recuperada do trauma, Ricardo em outubro de 1982 casa-se com Otília, uma vez que mesmo tendo sofrido tantas decepções sempre a amou. Foi após seu casamento com Otília em uma viagem a Lima (Peru) que Ricardo descobre o passado dela, já que eles nunca falavam sobre isso, Otília tinha nascido numa família pobre num bairro periférico do Peru tendo assim uma infância muito sofrida e, com isso abandona a família, troca de nome e sai pelo mundo em busca de um futuro melhor.

Llosa produz uma narrativa que nos permite observar que o texto literário não fornece uma verdade absoluta sobre as coisas, porém tematiza questões universais. Assim sendo, em *Travessuras da menina má* (2006) podemos notar que é um romance diferente dos romances

românticos, pois mostra um amor indefinido, cheio de faces, o qual evidencia as experiências de vida de cada um e a busca constante por libertação.

É através dessa busca constante de libertação dos protagonistas o motivo condutor que nos leva a discorrermos sobre a relevância da literatura para a humanidade, pois a nosso ver apesar de serem seres ficcionais, estas personagens nos permitem sair do imaginário para o real. Logo, podemos constatar que suas angústias, bem como a busca constante por querer vivenciar algo intenso e novo, são características próprias do ser humano. Como discute Tzvetan Todorov em *A literatura em perigo* (2010), esse é o objeto fundamental da literatura, mostrar a condição humana através do ficcional.

Tal libertação pode ser vista em Otília desde o momento em que esta sai da vida miserável em que vivia com sua família em busca do glamour, do reconhecimento enquanto ser humano, de riqueza e cada nova experiência vivida por ela, desde Lily, a chilena de Miraflores, a camarada Arlette do grupo revolucionário do MIR, madame Robert Arnoux, Mrs. Richardson e Kuriko podemos acompanhar o crescimento desta e sua busca constante em vivenciar o desconhecido. Estas transformações da protagonista no decorrer do romance, permite a nós leitores reconhecer que tal comportamento possui características próprias do ser humano. Portanto, essa busca da protagonista se mistura com seu desejo pela riqueza, glamour, por estabilidade financeira, sendo estes os motivos que a levam a percorrer o mundo com suas diversas travessuras. Há também, em meio a essa turbulência que era a vida de Otília o reconhecimento no desfecho do romance de que o poder, o dinheiro, pode transformar, porém pode não ser suficiente. É neste ponto que a literatura atua como forte mediadora entre o homem e o saber, pois possibilita ao leitor sair do imaginário da obra e perceber que esta personagem está ao nosso alcance, pois se assemelha ao ser humano no sentido de que a vida é como uma metamorfose, de modo que a aprendizagem e a busca por libertação não para no tempo.

Logo, o estudo da literatura é um direito que nós seres humanos temos, uma vez que proporciona libertação ao homem, propiciando a este formação cultural, social e intelectual, e mais ainda, ela nos possibilita uma interação com o outro, de modo a nos enriquecer, sensibilizando nossa vida para que o mundo real tenha mais sentido. Diante disso, Todorov ressalta, “Mais densa e mais eloquente que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo” (2010, p.23).

Percebemos também ao longo de *Travessuras da menina má* que há uma inversão de papéis quanto ao comportamento de cada um dos protagonistas. Por um lado, temos Otília uma jovem, ambiciosa, sonhadora, egoísta, aventureira que possui características que nos remetem ao comportamento masculino, de modo que não acreditava naquele amor romântico e nas “breguices” de Ricardo. Para ela, as coisas funcionavam de modo diferente, tinha pulso firme não se permitia ser conduzida somente pelo amor. Num diálogo que se dá entre ambos ela deixa bem clara a sua ambição e desejo de ser alguém na vida, ou seja, sair do mundo dos sonhos de Ricardo,

[...] quanto tempo duraríamos juntos, Ricardito? - A vida toda. Eu faria você tão feliz que nunca mais iria me largar. - Que ingênuo, que bobo você é - disse, separando as sílabas e me desafiando com os olhos. - Você não me conhece. Eu só ficaria para sempre com um homem que fosse muito, mas muito rico e poderoso. E você nunca será infelizmente. - E se o dinheiro não trouxer felicidade, menina má? - Felicidade, eu não sei nem me interessa saber o que é Ricardito. Mas tenho certeza de que não é essa coisa romântica e brega que você imagina. O dinheiro dá segurança, proteção, permite aproveitar a vida sem se preocupar com o amanhã. É a única felicidade que se pode apalpar. (LLOSA, 2006, p. 63)

Llosa, ao descrever minuciosamente ao longo da narrativa as aventuras/travessuras de Otília, nos mostra de forma plausível que o texto literário, bem como a literatura em si é o lugar propício para que o leitor possa perceber que o homem é ambicioso e vive numa busca constante de querer vivenciar e experimentar algo novo.

Por outro lado, temos Ricardo, um jovem sonhador, romântico, sensível que quando adulto realiza um desejo de adolescente que era morar em Paris considerada por ele, o berço da civilização e da cultura. Um homem que desde a sua adolescência já se mostrava romântico e que apesar de tantos encontros/desencontros sempre colocava o amor que sentia por Otília acima de tudo, embora tivesse se relacionado com outras mulheres, era a egoísta e ambiciosa “menina má” que dava sentido à sua vida,

[...] a única coisa que eu realmente desejava na vida, com a mesma paixão que os outros dedicam a perseguir a fortuna, a glória, o sucesso ou o poder, era ela, com todas as suas mentiras, suas confusões, seu egoísmo e seus desaparecimentos [...] ela era a mulherzinha mais delicada e mais bonita da criação: minha rainha, minha princesinha, minha torturadora, minha mentirosinha, minha japonesita, meu único amor. (LLOSA, 2006, p. 100 e 143)

O amor que Ricardo sentia por Otilia era puro, bonito e libertava-o de alguma forma. Apesar de tantas confusões, o acaso, o destino, sempre os unia e ele claro, a cada novo reencontro se via ainda mais apaixonado por ela. Aqui podemos observar que os protagonistas possuem visões distintas da vida e que talvez a única coisa que de fato tinham em comum era esse amor indefinido, cheio de faces. Retomando o poder de libertação que a literatura propicia ao homem, podemos encontrá-la também em Ricardo. Isso se dá desde o momento em que ele sai do Peru em busca de conhecer a tão sonhada Paris, lugar este em que lhe possibilitou se desenvolver profissionalmente, intelectualmente e que também lhe permite sair do senso comum e enxergar o mundo com outros olhos. Conforme acompanhamos suas opiniões sobre o longínquo Peru por meio das cartas do tio Ataúlfo quando este ainda era vivo,

[...] meu país estava esmaecido para mim como uma miragem nas areias do deserto [...] os desastres econômicos que a política de Alan García provocava no Peru, a inflação, as nacionalizações, a ruptura com os organismos de crédito, o controle de preços e de câmbio, a queda da taxa de emprego e do nível de vida. As cartas do tio Ataúlfo revelavam sua amargura enquanto esperava a morte. (LLOSA, 2006, p.274)

O conhecer o outro possibilita ao protagonista, independentemente dos objetivos, dos sonhos, dos desejos e do período histórico dos países em que morou, perceber que assim como ele, as demais pessoas estavam sempre em busca de algo que as completassem inteiramente. Isso na narrativa é visto pelo leitor desde o momento em que paralelo à história fictícia, Vargas Llosa vai desenrolando o perfil histórico dos países nos quais Ricardo percorreu: abandonando a pobreza do Peru à Revolucionária Paris dos anos 60, onde pode acompanhar de perto o que a ideologia de uma revolução causa no comportamento das pessoas. Nestas cidades, o desejo do poder é algo imprescindível, na Londres das drogas, da cultura hippie dos anos 70, na Tóquio dos grandes mafiosos e na Madri em transição política nos anos 80. Acontecimentos estes que vão transformando a vida de Ricardo ao longo dos anos, pois em meio a essa aprendizagem ele se torna um conhecedor do ser humano e se liberta.

Torna-se importante ressaltarmos que além da trajetória afetiva das personagens, o percurso histórico em que Llosa conduz o leitor n' *As travessuras da menina má* é a nosso ver um dos caminhos que também leva Ricardo à libertação, o conhecimento do mundo e suas

rupturas vão, no decorrer da narrativa se entrelaçando com sua vida pacata. Tais acontecimentos também envolvem o leitor mostrando este período em que o mundo vivia a revolução, a guerra, a busca pelo poder, que mostra mais uma vez que a literatura tem esse poder de conduzir o leitor, ao trabalhar com ficção e realidade mostra assim a essência humana.

Portanto, o conhecer a literatura não significa que o leitor ficará apenas detido no enredo ficcional da obra deixando de lado os demais acontecimentos da vida. Muito pelo contrário, o estudo da literatura não é fechado em si como já diagnosticava Todorov (2010). Ele possibilita ao leitor um infinito de relações com outras formas de conhecimento, para que nessa interação com o outro o leitor possa refletir sua própria existência. E, por assim ser, acreditamos que o conhecimento literário propicia ao leitor sair do senso comum e ser um indivíduo atuante na sociedade em que vive, “[...] a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo.” (TODOROV, 2010, p. 23 e 24).

Cabe lembrar ainda que o modo pelo qual Llosa descreve os acontecimentos políticos em *Travessuras da menina má* é uma das facetas que o texto literário propicia ao leitor, tendo em vista que mediante o literário, ele pode contar e se posicionar criticamente por meio dos acontecimentos políticos da América Latina, bem como as transformações sociais europeias na década de 60, 70 e 80. Fato este em que se visto pela história oficial quase não há transparência, ou seja, o autor aproveita o desenrolar do romance e de suas personagens para mostrar também os acontecimentos históricos de seu país de origem, o Peru, e isso é, por excelência, umas das funções da literatura trabalhar e mostrar a condição humana por meio da ficção.

Sobre a relevância da literatura, Antonio Candido em seu artigo “O direito à literatura” afirma que esta humaniza porque faz viver, e, portanto, este poder de humanização da literatura reflete em nós, pois nos liberta do caos. “A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas.” (CANDIDO, 1995, p. 243). Logo, através a leitura de um bom texto, o leitor poderá perceber que a literatura humaniza justamente porque lida com as emoções levando-o a uma fruição da vida, de novos caminhos, de novas aprendizagens, mediante pontos de vista distintos.

Essa humanização que o texto literário propicia pode ser vista no romance não somente em seus protagonistas, mas também no comportamento de algumas personagens secundárias do romance. Personagens estas que ao longo da vida de Otília e Ricardo vão aparecendo para ajudá-los, motivá-los de alguma forma. A partir do momento em que Otília se vê num relacionamento arruinado em Tóquio com o gângster Fukuda, começa aí sua decadência enquanto ser humano. Após fugir dele, é Ricardo e seus vizinhos Elena e Simon Gravoski e seu filho adotivo Yilal que cuidam de Otília num momento em que ela se encontrava angustiada, abatida e com graves problemas psicológicos devido à constante prática sadomasoquista que Fukuda a submetia.

Ricardo também teve amigos que o ajudaram nos momentos em que se encontrava angustiado e precisando de ajuda. Um deles foi Paul, um amigo simpático, amistoso e conversador que o sustentou quando tinha recém chegado à Paris. Paul era um guerrilheiro que tinha trocado os estudos pela revolução, vindo, mais tarde, a se tornar o representante oficial do MIR (Movimento de Esquerda Revolucionária). Através dele, Ricardo pôde acompanhar de perto o desenrolar da revolução, como também conhecer nomes importantes do Movimento Revolucionário como: Luis de la Puente Uceda (líder e fundador do MIR), Guilherme Lobatón, entre outros.

No capítulo terceiro do romance, Ricardo, com seus contratos como intérprete reencontra em Londres o amigo Juan Barreto, que agora tinha se tornado *hippie*, vindo, mais tarde a se tornar desenhista de cavalos. Juan Barreto, apresenta a Ricardo um mundo ao qual ele ainda não conhecia totalmente, diferente do que ele tinha visto em Paris. Em Londres, pôde conhecer a cultura *hippie*, o sexo livre, pois na segunda metade dos anos 60, Londres substituíra Paris como a cidade da moda, da minissaia, dos cabelos compridos, da música e das drogas.

Podemos acompanhar também a amizade de Ricardo com Salomón Toledano, um intérprete que falava doze línguas e que as organizações internacionais disputavam seus serviços. Amigo este que ensinou a Ricardo que a predisposição para idiomas ultrapassavam o conhecimento e a inteligência, ou seja, funciona como um dom, que alguns possuem e outros não. Com isso, percebemos no desenrolar de *Travessuras da menina má*, que embora estes personagens sejam secundários, são de grande relevância para a aprendizagem dos protagonistas, pois possibilita a estes colocar-se no lugar do outro, ajudarem-se, ser solidários. Deste modo, Llosa mostra através das amizades e das idas e vindas dos protagonistas que chega num determinado momento da vida em que a valorização do outro é imprescindível.

Então, mesmo sendo seres ficcionais estes personagens nos remetem a características próprias do ser humano, aqui se confirma mais uma vez que o texto literário é esse mediador atuante entre ficção e realidade.

Nesse sentido, podemos afirmar que a ficção, o literário, não surge de nada, uma vez que o escritor, embora trabalhe com o dado imaginário, nos permite refletir que estas personagens não estão fora do nosso alcance. Neste enlace entre o real/irreal da obra que se dá a magnificência do literário, pois propicia ao leitor inspiração e libertação em qualquer época. Por isso, Candido afirma que a literatura é uma “manifestação universal de todos os homens em todos os tempos” (CANDIDO, 1995, p.242).

Para Candido, o estudo literário é de suma importância, porque o homem não consegue viver vinte e quatro horas do dia sem algum tipo de ficção, seja através de novelas, romances, fábulas, histórias em quadrinhos enfim, o ser humano tem essa necessidade de sair do mundo real para o universo imaginário. É o momento em que a entrega à “irrealidade” da obra se faz necessária para que o mundo real se torne mais pleno de sentido. O sonhar, o percorrer e o conhecer novos caminhos é a excelência que o universo literário acarreta ao homem. “[...] a literatura [...] ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade, inclusive porque atua em grande parte no subconsciente e no inconsciente” (CANDIDO, 1995, p. 243). Desta forma, as mais diversas obras literárias suprem necessidades básicas do ser humano, contribuindo para seu enriquecimento intelectual e desenvolvendo assim sua percepção e visão de mundo.

Em seu livro *A verdade das Mentiras* (2004) Llosa discutindo a respeito da literatura em geral, nos leva a refletir sobre a possibilidade que o texto literário tem de conduzir e envolver o leitor, “Porque as fraudes, os enganos e exageros da literatura narrativa servem para expressar verdades profundas e inquietantes, que somente dessa maneira enviesada vêm a luz” (p.19). Por conseguinte, o leitor poderá (ou não) encontrar no romance uma forma de vivenciar mesmo que imaginariamente algo que na vida real ele não consegue, é o momento em que muitas vezes realiza suas fantasias. Para o autor em questão, essa transferência de identificação que o leitor faz para sua vida real quando lê uma ficção é como uma metamorfose, de forma que os sonhos, as fantasias, nos completam. Portanto, essa é *A Verdade das Mentiras*, é o momento em que nós seres humanos podemos expressar nossos sentimentos e escapar da nossa nostalgia e frustração através da ficção,

[...] Graças a ela somos mais e somos outros, sem deixar de ser nós mesmos. Nela nos dissolvemos e multiplicamos, vivendo diversas outras vidas além da que temos e das que poderíamos viver se permanecêssemos confinados no verídico, sem sair do cárcere da história. (LLOSA, 2004, p. 25)

Há também em *Travessuras da menina má* além da busca por libertação de Otília através da glória, da riqueza e do poder, um momento em que isso já não a satisfaz mais. Fato este que a torna uma pessoa angustiada, frustrada começando assim a dominá-la. Isso torna-se claro ao leitor à medida que a protagonista na ânsia por estabilidade começa a se perder na sua própria ambição, visto que para cada novo relacionamento ela também mudava sua aparência em busca de identidade. Um exemplo claro dessa situação se dá no capítulo terceiro do romance intitulado “Retratista de cavalos na *swing* London” no qual em Londres, Otília casa-se com David Richardson, um homem muito rico e que tinha uma enorme paixão por cavalos. Neste momento quando Ricardo a encontra e pergunta-lhe se finalmente tinha encontrado o que tanto buscava, já que estava casada e rica, esta responde:

- Mais ou menos. Porque agora tenho segurança e posso comprar o que quiser, mas sou obrigada a morar em Newmarket e passar a vida falando de cavalos. Falava com uma amargura que parecia sair do fundo de sua alma [...] a menina má se deixou desabafar comigo, esbravejando contra os cavalos e as pessoas de Newmarket, cuja vida achava monótona, estúpida, a mais idiota do mundo [...] aquela vida estava azedando seus dias, e até suas noites, porque ultimamente tinha pesadelos com os cavalos [...]. (LLOSA, 2006, p.102 e 103)

Este comportamento da protagonista nos leva mais uma vez a uma reflexão profunda no que diz respeito ao vazio existencial do homem, porque mesmo alcançando e realizando seus sonhos (ou parte deles) está sempre em busca de algo mais. Retomando as discussões de Llosa a respeito da literatura, nesta citação evidenciamos mais uma vez que o texto literário tem esse poder de conduzir e envolver o leitor porque, “[...] a literatura é, por excelência, o reino da ambiguidade. Suas verdades são sempre subjetivas, meias-verdades, relativas, verdades literárias que com frequência constituem inexistências flagrantes ou mentiras históricas.” (LLOSA, 2004, p. 19).

O modo pelo qual Vargas Llosa conduz sua narrativa permite também ao leitor vivenciar a riqueza descritiva do romance. Isso ocorre desde a apresentação minuciosa das cidades, os países, as paisagens, o cotidiano dos personagens, seus sonhos, fantasias, ambições. Além, claro, da importantíssima descrição histórica e política do Peru, Chile, Paris,

Londres, Tóquio, enfim, acontecimentos que mudaram o futuro de uma geração. Desta maneira, essa “irrealidade” da obra possibilita ao leitor ampliar seu conhecimento para que mesmo imaginariamente ele possa percorrer novos mundos, novos saberes, novas aprendizagens. Mais importante ainda é o modo de conhecimento que a narrativa propicia: observar o ser humano em suas mais diversas facetas, o lado paradoxal da existência. O homem à beira do precipício, na tomada de decisão, o recuar, rever posicionamentos.

1.1- O mundo, o romance e a literatura

Llosa, em seu ensaio “É possível pensar o mundo moderno sem o romance?” presente no livro *A cultura do romance* (2009), coloca em questão um assunto que instiga o leitor, pois, como ele mesmo enfatiza e somos de comum acordo, não é possível conceber o mundo moderno sem o romance, a literatura, a ficção. O ato de ler um romance, embora possa parecer vago para muitas pessoas, sem muita significância, é imprescindível a todos como qualquer outra atividade de lazer. No tocante a este ponto, o autor enfatiza que tal qual às demais atividades, como: ir ao cinema, jogar bola, ir ao clube, entre outras, ler um romance pode também fazer parte deste intervalo para a recreação do cidadão, além claro, de contribuir para seu crescimento intelectual cultivando nestes a sensibilidade e as boas maneiras.

Discutindo acerca do modo pelo qual a sociedade lida com a literatura, o romance, Llosa deixa bem clara a ideia de que “[...] uma sociedade sem romances [...] está condenada a se barbarizar no plano espiritual e a pôr em risco a própria liberdade” (2009, p.20). Por assim ser, é inconcebível a ideia de que a literatura, o romance, seja um mero passatempo. Muito pelo contrário, ela deve fazer parte da formação do cidadão, desde a infância até a adolescência, para que o homem seja atuante na sociedade em que vive, de modo a sair do conformismo em busca de novos saberes. Para o autor, o crescente desenvolvimento tecnológico e científico em que o mundo vive é, sem sombra de dúvidas, algo que traz grandes benefícios a todos nós. Contudo, este alavancar rumo ao progresso tem uma consequência negativa, que é a “desvalorização” ou “esquecimento” da cultura. Pois, quanto maior é a tecnologia, os homens vão se distanciando, não há mais comunicação entre eles, “A ciência e a técnica não podem mais cumprir aquela função social e integradora em nosso tempo, precisamente pela infinita riqueza de conhecimentos e da rapidez de sua evolução que levou à especialização e ao uso de vocabulários herméticos.” (LLOSA, 2009, p. 21).

É válido ressaltarmos que em meio a esse tremendo crescimento científico e tecnológico em que a sociedade contemporânea vive, ainda há esperança, é aí que entra a literatura, pois diferentemente das ciências e das técnicas, “[...] é, foi e continuará sendo, enquanto existir, um desses denominadores comuns da experiência humana, graças ao qual os seres vivos se reconhecem e dialogam, independentemente de quão distintas sejam suas ocupações e seus desígnios vitais [...]” (2009, p. 21). Toda essa situação que Llosa nos leva a refletir, torna-se evidente ao longo da narrativa *Travessuras da menina má*, na qual podemos acompanhar os acontecimentos políticos da América Latina, como também, as transformações sociais europeias nas décadas de 60, 70 e 80 do século XX momento em que a sociedade

queria se libertar e se desenvolver rumo ao crescimento e à tecnologia. Deste modo, este desenvolvimento político e histórico mostrado no romance de Llosa, (paralelo à história fictícia), pode ser visualizado, por nós leitores, através de seu narrador-personagem, Ricardo. Podemos encontrar, por meio das idas e vindas dos protagonistas e dos personagens secundários o lado paradoxal da existência, o ser humano nas suas mais diversas facetas, mostrando que o homem está à beira do precipício, mesmo em meio à revolução e ao crescimento.

A partir do momento em que “Ricardito” deixa seu país de origem, o Peru, e vai para Paris em busca de realizar seu sonho de adolescente, percebe que assim como ele as pessoas ao seu redor também ansiavam pelo novo. Isso é mostrado no romance através do movimento guerrilheiro, o crescimento e progresso de países que conheceu. Porém, mesmo em meio a essa revolução e essa busca pelo poder em que o homem vive, ainda assim chega num determinado momento que isso não é suficiente, pois ele se perde em meio à revolução. Podemos acompanhar no capítulo IV do romance, (momento em que o protagonista tem notícias de seu país de origem, o Peru, através das cartas do tio Ataúlfo), que assim como a revolução propicia o progresso para uma sociedade, pode também levá-la ao declínio,

Os oito anos de ditadura militar do general Velasco, com as nacionalizações, a reforma agrária, a comunidade industrial, os controles e o dirigismo econômico, dizia o tio Ataúlfo, deram soluções erradas para o problema da injustiça social, as grandes desigualdades e a exploração das maiorias pela minoria dos privilegiados, e isso só servira para inflamar e empobrecer ainda mais tanto uns como outros, afugentar os investimentos, acabar com as reservas e aumentar a tensão e a violência. A amargura que havia nas cartas do tio Ataúlfo me dava pena dele e dos peruanos da sua geração que, chegando à velhice, viam que seu antigo sonho de ver o Peru no caminho do progresso, em vez de se materializar, retrocedia. A sociedade peruana ia cada vez mais mergulhando na pobreza, na ignorância, e na brutalidade. (LLOSA, 2006, p. 120)

Ao relacionarmos os acontecimentos sociais, políticos e culturais da narrativa com a nossa sociedade contemporânea, percebemos que não é muito diferente. Afirmamos mais uma vez que o homem está à beira do precipício, embora anseie por novas conquistas e descobertas ainda instaura-se em sua alma o vazio. Levando tudo isso ao universo literário, Llosa enfatiza que nada pode defender melhor o homem e o libertar do caos do que a literatura. Ela é, para nós leitores o ponto de partida para alavancarmos nosso conhecimento, pois aprendemos e reconhecemos através do texto literário a essência humana. Neste sentido,

o conhecer e o percorrer o universo literário é, pois, segundo Llosa, o modo ao qual nós leitores aprendemos que,

Nada, mais do que os bons romances, ensina a ver nas diferenças étnicas e culturais a riqueza do patrimônio humano e a valorizá-las como uma manifestação de sua múltipla criatividade. Ler boa literatura é divertir-se, com certeza; mas, também, aprender, dessa maneira direta e intensa que é a da experiência vivida através das obras de ficção, o que somos e como somos, em nossa integridade humana, com os nossos atos, e os nossos sonhos e os nossos fantasmas, a sós e na urdidura das relações que nos ligam aos outros, em nossa presença pública e no segredo da nossa consciência, em soma extremamente complexa de verdades contraditórias [...] (LLOSA, 2009, p. 21 e 22)

Embora o “bom menino” no decorrer de sua vida e em meio às novas aprendizagens, passe a ser um conhecedor do ser humano e a enxergar o mundo com outros olhos, ainda assim chega num determinado momento de sua vida em que tudo isso não é suficiente e ele passa a questionar sua própria existência. Neste momento, o que o leva mais uma vez a se libertar e a descobrir a essência humana, além das peças teatrais, cinema, concertos em que assistia é a boa literatura,

Apesar de estar sempre ocupado trabalhando e fazendo várias coisas, pela primeira vez nos anos 70, ao examinar minha vida tentando ser objetivo, tudo me começou a parecer bastante estéril [...] O que me distraiu e me ocupou muitas horas naqueles últimos anos da década de 70 foram os contos de Tchecov, em particular, e a literatura Russa em geral. (LLOSA, 2006, p. 121 e 123)

Então, não apenas no romance *Travessuras da menina má*, mas também nos demais textos literários, Llosa leva o leitor a refletir que o romance não existe apenas quando o autor o escreve, é preciso também que nós leitores nos identifiquemos com ele para que assim faça parte da nossa vida social. E isso só é possível mediante a leitura, que se torna uma experiência partilhada, pois uma sociedade sem o conhecimento da literatura escrita não se desenvolve plenamente, uma vez que não se exprime com clareza. Portanto, segundo o autor, o importante instrumento de comunicação que é a palavra só foi desenvolvido graças ao texto literário, ele é o principal mediador entre o homem e o mundo. Para Llosa, uma sociedade, um indivíduo, sem o conhecimento do romance, da literatura, “muito se pareceria com uma comunidade de tartamudos e afásicos, atormentada por problemas terríveis de comunicação causados por uma linguagem ordinária e rudimentar [...] Aprende-se a falar com precisão,

com profundidade, com rigor e agudeza, graças a boa literatura, *e apenas graças à ela* ” (LLOSA, 2009, p. 23).

Tal qual Llosa, o escritor Claudio Magris, tratando sobre a significância do romance para o homem moderno em seu artigo “O romance é concebível sem o mundo moderno?” (2009), enfatiza que “O romance é o mundo moderno; não apenas não poderia existir sem este, como a onda sem o mar, mas por alguns aspectos identifica-se com este, é a mutável expressão dele, como o olhar e o encontro da boca são a expressão de um rosto.” (MAGRIS, 2009, p.1016). Por conseguinte, o romance é um gênero literário que faz com que o indivíduo saia em busca do sentido da vida.

Gilles Deleuze, discorrendo acerca da criação literária em seu ensaio “A literatura e a vida” (1993), nos permite refletir que a escrita literária não é apenas uma simples ficção, com seres imaginários, vai além, pois a literatura não é mera criação do imaginário, ela é, antes de tudo, vida. Não no sentido de dar “uma forma (de expressão), a do vivido”, com o ato de recriar a vida e as atitudes humanas, é, pois, a criadora de vidas no sentido de inventar outras vidas, mostrando novos horizontes, novas possibilidades de aprendizagem, uma vez que ela é “devir” e sua função criadora ultrapassa a ficção e seus seres fictícios,

Devir não é atingir uma forma (identificação, imitação, *Mimesis*), mas é encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação, de maneira que já não nos podemos distinguir de uma mulher, de um animal ou de uma molécula [...] O devir é sempre “entre” ou “dentre” [...] (DELEUZE, 1993, p.02)

Para Deleuze, não há arte literária sem a travessia/passagem do mundo vivido para o mundo imaginário, é preciso viver outra vida, no sentido de que as limitações impostas ao ser humano pelo mundo real sejam ultrapassadas através da ficção. Logo, cabe ao escritor não se pautar somente nas experiências vividas para mostrar o universo literário, ele pode e deve ir além, ou seja, elucidar em suas criações não somente as coisas possíveis na vida, mas transcender o real para que a personagem de ficção não fique apenas retratando o próprio homem. É importante ir além, ultrapassar as experiências vividas em busca de novas sensações, emoções, constituindo assim seres livres “[...] a literatura só começa quando nasce em nós uma terceira pessoa que nos tira o poder de dizer Eu [...]” (DELEUZE, 1993, p. 4).

Podemos acompanhar no último capítulo de *Travessuras da menina má*, passagens em que Llosa usa a própria literatura para falar da literatura, num momento em que a “menina

má”, mesmo tendo tido tantos conflitos ao longo de sua vida, na sua ânsia pelo poder e pela riqueza, reconhece que suas diversas travessuras proporcionaria ao “bom menino”, uma ótima história,

Uma tarde, sentados no jardim, ao crepúsculo, ela me disse que se algum dia eu pensasse em escrever a nossa história de amor, não a deixasse tão mal, senão o seu fantasma viria me puxar os pés todas as noites. - E por que pensou isso? - Porque você sempre quis ser escritor, e nunca teve coragem. [...] Pelo menos, confesse que lhe dei um bom material para escrever um romance. Não foi bom menino? (LLOSA, 2006, p. 302)

Nesta citação podemos observar que embora a “menina má” tenha envolvido Ricardo nas suas travessuras ao longo de suas vidas, ainda assim, reconhece no final do romance que talvez tudo aquilo que ambos tinham vivido ao longo dos anos, ainda poderia render a Ricardo um bom material de estudo, ou seja, apesar de tudo ela ainda poderia contribuir para seu desempenho enquanto escritor, caso algum dia resolvesse sê-lo, pois estaria espelhando em seu livro sua própria experiência de vida podendo recriá-la ou não através da ficção.

Leyla Perrone Moisés, em seu texto “A criação literária” (1990) ao tratar da literatura ressalta que esta “[...] parte de um real que pretende dizer, falha sempre ao dizê-lo, mas ao falhar diz outra coisa, desvenda um mundo mais real do que aquele que pretendia dizer.” (1990, p. 102). Desta maneira, a literatura nasce de uma dupla falta. Uma dessas faltas está relacionada ao estado não satisfatório da existência, de modo que pode ser preenchida pela linguagem. Então, o homem está sempre em busca de reagir a essa insatisfação existencial e para isso busca auxílio através da religião, ações sociais, e com isso, tenta ajustar sua vida em meio a esse faz-de-conta para que possa escapar da nostalgia e do descontentamento do mundo real. A segunda falta está relacionada à *imaginação*, é através dela que o homem tenta compensar aquilo que lhe falta em seu mundo real de modo a preencher o vazio existencial. A literatura é uma das formas para se preencher este vazio existencial, pois o universo criado pela linguagem literária, embora não seja totalmente igual ao real, está paradoxalmente muito próxima a ele.

Deste modo, sobre a criação literária a autora deixa claro em seu texto que,

[...] é um processo que tem dois pólos: o escritor e o leitor. A obra literária só existe, de fato e indefinidamente, enquanto recriada pela leitura, ofício que deve ser tão ativo quanto a do escritor. No ato da recriação da obra pela leitura, a proposta inicial

se amplia e as intenções primitivas do autor são superadas. Entre o dizer e o ouvir, entre o escrever e o ler, ocorrem coisas maiores do que os propósitos de um emissor e as expectativas de um receptor: há um saber inconsciente circulando na linguagem, instituição e bem comum de autores e leitores. (PERRONE - MOISES, 1990, p. 108 e 109)

Nesse sentido, podemos verificar que a leitura é e será sempre um aprendizado constante para a humanidade, pois o texto literário pode se constituir de múltiplas vozes chegando assim a um lugar comum que transcende o escritor chegando ao leitor. Logo, a obra literária “[...] e sua recepção pelo leitor cria se não propriamente um mundo paralelo, representado, e sim uma visão valorativa do mundo em que vivemos [...] a obra literária é construção do real e convite reiterado ao seu ultrapassamento”. (PERRONE- MOISES, 1990, p. 109). Por fim, Perrone enfatiza que trabalhar o imaginário pela linguagem não é ser preso por ele, mas sim buscar por meio dele verdades do real, de tal modo que espelhando a realidade ou não, a literatura sempre se refere a ela, seja para questioná-la ou para reinventá-la.

Ainda nesta dimensão, Alberto Pucheu, em seu ensaio “Literatura, Para que serve?” (2004), faz uma série de indagações sobre: A quem ou a quê a literatura serve? Para ele, a literatura é um dos caminhos privilegiados para a humanidade, pois através dela chega-se a vida,

[...] a literatura torna possível vivenciar vida, e, tornando vida vivível, a literatura torna vida real. Realizando vida, a literatura intensifica suas forças para que elas possam nos afetar, para que elas possam nos transformar em vida, para que elas possam aniquilar nossos nomes próprios de modo que as intensidades da vida nos atravessem e risquem, em nós, seus novos nomes, inapreensíveis sem a literatura, sem ela, inaudíveis, sem ela, inteiramente afônicos. (PUCHEU, 2004, p. 225)

Para Pucheu, é papel da literatura nos instigar, empurrar-nos para um lugar outro que amplie nossa visão e percepção de mundo. Sendo assim, o lado oculto da vida à medida que necessita tornar explícito se confunde com a literatura, pois essa fusão torna-se vida. “A literatura se confronta com nossa individualidade, enfrenta-a, ataca-a” (2004, p.227).

II- CAPÍTULO: O PÓS-MODERNO E A FRAGILIDADE DOS LAÇOS HUMANOS

Nesta pesquisa consideramos o romance *Travessuras da menina má* como sendo pós-moderno, pois Llosa trabalha de uma forma que embora sua narrativa pareça ser romântica, não é típica do Romantismo. Acompanhamos no decorrer do romance que há um sentimento de estrangeirismo nos protagonistas, pois embora conhecendo diversos países, cidades com culturas, crenças e ideologias diferentes, eles não se sentem em casa em nenhum desses lugares e isso é típico do pós-modernismo. Assim, no desenrolar dos capítulos, o leitor toma conhecimento de que a “história de amor” dos protagonistas é mostrada de forma diferente, pois aqui temos uma história que se aproxima dos amores vividos pela sociedade pós-moderna fugindo totalmente daquele amor puro e idealizado do Romantismo. Essa aproximação com o pós-moderno, ocorre à medida que o autor mostra que nem sempre os amores são correspondidos, o que é idealizado e desejado por um pode não ser pelo outro, os sonhos, as ambições, a busca pela aprendizagem funcionam e são buscados de forma diferente por cada indivíduo e em relação ao amor também. Isso é mostrado e trabalhado de modo bem claro por Llosa em *Travessuras da menina má*, pois ao contrapormos as atitudes amorosas do “bom menino” pelas inconstâncias da “menina má”, o leitor pode visualizar essa dualidade no comportamento de ambos.

Em relação ao comportamento amoroso na pós-modernidade, o escritor Zygmunt Bauman em seu livro *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos* (2004), apresenta reflexões importantes no que diz respeito aos relacionamentos, nos quais podemos acompanhar que a era moderna segundo o autor, é fatal para os relacionamentos, seja por nossa própria capacidade de amar ou ao amor atribuído ao próximo. Cada vez mais nossas relações se tornam flexíveis, podendo fazer-se e desfazer-se com muita facilidade devido os laços atuais não serem duradouros. E isso perpassa desde as relações amorosas aos laços fraternais. Ao tratar de amor, o autor nos traz a concepção de Ivan Klima que afirma que poucas coisas na vida se parecem tanto com a morte do que o amor idealizado. A chegada do amor ou da morte é sempre única e definitiva de modo que não suporta repetição, saída e nem prorrogação, eles se sustentam por si mesmos no momento em que surgem: nascem, renascem, a partir do nada, do vazio, começa sempre do começo sem se preocupar com passado ou futuro. “O amor e a morte não têm história própria. São eventos que ocorrem no tempo humano” (BAUMAN, 2004, p. 17). Diante disso, o autor enfatiza que não se aprende a

amar, tal qual não se aprende a morrer, tais acontecimentos surgem em nossas vidas quando menos esperamos.

Para Bauman (2004, p. 21), “Amar significa abrir-se ao destino, a mais sublime de todas as condições humanas, em que o medo se funde com o regozijo num amálgama irreversível”, e esse destino significa admitir a liberdade no ser, liberdade esta que está relacionada a incorporar o Outro, de modo que sejam companheiros no amor. Comparando isto à nossa sociedade, percebemos que não funciona com tanta veemência, pois na atualidade o amor é visto, por muitos, como sendo algo passageiro com satisfação momentânea.

Já o escritor Maurice Blanchot, no seu artigo “A literatura e o direito à morte” (1997), enfatiza que em nossa sociedade parece que ninguém mais tem direito à vida, pois tudo se tornou público, de tal forma que aquele que prima em manter um segredo, um pensamento, se torna culpado e por assim ser, não se tem mais liberdade. Logo, em meio a esse terror que é a existência, ainda resta ao homem o direito à morte que “[...] não é sua condenação, é a essência do seu direito; ele não é suprimido como culpado, mas necessita da morte para se afirmar cidadão, e é no desaparecimento da morte que a liberdade o faz nascer” (BLANCHOT, 1997, p.308). Neste sentido, o que o autor coloca em evidência é que a morte é para o homem sua única chance de um mundo realizado, pois através dela o homem se constitui em essência e se liberta.

Em *Travessuras da menina má*, consideramos o comportamento amoroso dos protagonistas como forte tendência do pós-moderno, pois os conceitos do amor são mostrados de forma diferente em cada um dos protagonistas. Visualizamos através das atitudes da “menina má” que ser movida apenas pelo amor não é suficiente para viver, é preciso ir além, para se chegar a algum lugar. A “menina má” desde a sua infância já se mostrava uma pessoa diferente, em busca de algo que a completasse inteiramente e isso é mostrado no romance com muita ênfase no VI capítulo, num diálogo que se dá entre Ricardo e Arquimedes que é o pai dela. Momento em que o “bom menino” bem como, o próprio leitor, descobrem o verdadeiro passado e o verdadeiro nome da “menina má”, pois mesmo tendo tido tantos encontros ao longo dos anos, Ricardo nunca soube sua verdadeira história porque ela sempre se esquivava a falar do seu passado. Neste encontro com Arquimedes, “Ricardito” descobre que a “menina má” não havia nascido em Lima, e sim numa serra, em Callao, e seu aparecimento no bairro de Miraflores foi porque sua mãe trabalhava lá como cozinheira para a família Arenas. O pai de Otília, conta a Ricardo que sua filha era uma egoísta por ter ido embora e abandonado sua família,

- Otilita, sempre sonhou com o que não tinha, desde criança [...] Era muito esperta, no colégio sempre ganhava prêmios. Mas tinha delírios de grandeza, desde que nasceu. Não se conformava com a própria sorte. [...] Era uma menina arrogante, cheia de manhas. Bastante esperta, mas muito atrevida. Não é qualquer um que se muda para o estrangeiro sem um tostão, como ela fez. (LLOSA, 2006, p. 256 e 257)

Aqui podemos perceber que desde a infância, Otília sonhava em ser alguém na vida, era ambiciosa e faria qualquer coisa para progredir e obter a riqueza que tanto buscava. Deste modo, o que consideramos como as atitudes da “menina má” no romance de Llosa, são justamente seus variados casamentos, bem como sua busca constante por identidade, estabilidade, riqueza, poder, sem falar no seu relacionamento com Ricardo, enfim eventualidades estas que vão transformando sua vida ao longo dos anos.

Após seu reencontro com “Ricardito” em Paris, a “menina má” se envolve com o comandante cubano Chacón, num momento em que ela era uma integrante do grupo revolucionário do MIR e passa a se chamar camarada Arlette. Para o “bom menino” tudo isso não passava de um golpe dela para mais tarde não participar do treinamento guerrilheiro e do compromisso com o MIR, pois estando ao lado do comandante havia se tornado uma mulher influente,

[...] tentei imaginar a chilenita transformada em namorada do comandante Chacón, vestida de guerrilheira, de pistola na cintura, boina azul e botas, conversando com Fidel e Raúl Castro nas grandes passeatas e manifestações da revolução, [...] Na verdade, eu não conseguia imaginá-la no seu novo papel: sua figurinha escorria entre os meus dedos como se fosse líquida. Teria se apaixonado pelo tal comandante? Ou ele era apenas um instrumento para se livrar do movimento guerrilheiro [...] (LLOSA, 2006, p. 39)

Passados três anos desde seu último encontro com a “menina má”, Ricardo a reencontra casada com Robert Arnoux, um diplomata francês e se torna a madame Robert Arnoux. Através desse casamento, ela conseguiu sair de Cuba e tinha agora um nome a zelar, porém como sempre acontecia com ela, chegou num determinado momento em que essa conquista não foi suficiente. Então, abandonou seu marido e fugiu com um amante, levando toda sua fortuna da Suíça, deixando Robert Arnoux num estado de extrema angústia e tristeza,

Ela não tinha necessidade de me fazer o que fez. Foi feio, foi sujo, foi desleal agir assim comigo. Eu lhe dei meu nome, fiz de tudo para vê-la feliz. Arrisquei minha carreira para tirá-la de Cuba. Foi uma verdadeira via crucis. A deslealdade não pode

chegar a esse extremo. Tanto cálculo, tanta hipocrisia, é desumano. (LLOSA, 2006, p. 69)

As atitudes e a busca por identidade da “menina má” podem ser vistas no romance além dos seus vários casamentos e das trocas constantes de nome, sua transformação é mostrada também no seu modo de vestir e falar, surpreendendo não apenas o protagonista como também o próprio leitor, pois cada reaparecimento dela é sempre triunfal,

Atravessando o *hall* de entrada, me deparei com uma senhora elegante de saltos agulha, envolta numa capa negra com bordas de pele [...] Era ela, mas foi necessário um grande esforço para reconhecer, naquela cara tão bem maquiada, naqueles lábios vermelhos, naquelas sobrancelhas depiladas, naquelas pestanas sedosas e curvas que sombreavam os olhos travessos que o lápis negro havia alongado e aprofundado, e naquelas mãos de unhas compridas que pareciam recém- saídas da manicure, a camarada Arlette. (LLOSA, 2006, p. 45)

Acerca do relacionamento pós-moderno, Bauman enfatiza que é comum em nossa época o “apaixonar-se” e o “desapaixonar-se”, pois cada vez mais as pessoas saem em busca de viver uma nova história, um novo amor, mesmo que para isso tenha que fazer várias tentativas ao longo de suas vidas. Por um lado, parece que amar o outro se tornou comum, fácil, algumas pessoas não veem problema algum em dizer que estão apaixonadas em um dia e na semana seguinte estar apaixonado e chamando outra pessoa de amor. Neste ponto, o autor enfatiza que não devemos nos surpreender com tais acontecimentos, pois aparentemente,

[...] a definição romântica do amor como “até que a morte nos separe” está decididamente fora de moda, tendo deixado para trás seu tempo de vida útil em função da radical alteração das estruturas de parentesco às quais costuma servir e de onde extraía seu vigor e sua valorização. Mas o desaparecimento dessa noção significa, inevitavelmente, a facilitação dos testes pelos quais uma experiência deve passar para ser chamada de “amor”. Em vez de haver mais pessoas atingindo mais vezes os elevados padrões de amor, esses padrões foram baixados. (BAUMAN, 2004, p. 19)

Neste sentido, chegamos à constatação de que em *Travessuras da menina má* os vários casamentos da protagonista, vão além da sua busca por riqueza, estabilidade, afeto e isso se torna claro ao leitor, pois paralelo a sua ambição, Llosa nos mostra uma mulher em busca de identidade e libertação. Então, mesmo quando consegue aquilo que almeja, a “menina má”

anseia sempre por mais, de modo que essas transformações da protagonista no decorrer do romance permite ao leitor reconhecer que essa mulher contemporânea não se deixa levar apenas pelo amor, pelas vontades masculinas, conforme acontecia em outras épocas, ela tem vontade própria. De modo que luta em busca da sobrevivência, age e pensa de igual para igual com o homem, pois ela corre atrás de seus sonhos, desejos, ambições, não está parada no tempo à espera apenas de um grande amor. É interessante ressaltar que nos seus encontros com “Ricardito”, a protagonista sempre tenta alertá-lo para o fato de que a vida não deve ser guiada apenas pelo amor, pois para ser feliz precisa-se ir além,

O dinheiro dá segurança, proteção, permite aproveitar a vida sem se preocupar com o amanhã. É a única felicidade que se pode apalpar. [...] – Você é boa gente, mas tem um defeito horrível: a falta de ambição. Está contente com o que conseguiu certo? Mas isso não é nada, bom menino. Por isso eu não poderia ser sua mulher. Nunca vou estar contente com o que tenho. Sempre quero mais. (LLOSA, 2006, p. 64)

No terceiro capítulo do romance, podemos acompanhar mais um dos casamentos da “menina má”, desta vez em Londres, casa-se com David Richardson, um homem influente, rico e que tinha uma enorme paixão por cavalos. O que é muito curioso é que mesmo em meio a uma situação financeira estável a protagonista não se sente feliz com sua vida, embora casada e rica com um homem influente, ela se perde mais uma vez em meio a sua ambição chegando até a ficar depressiva e angustiada por estar enojada de sua vida em meio à equitação.

Odiava cavalos, com todas as suas forças, e também odiava todas as amizades e conhecidos de Newmarket, proprietários, treinadores, jockeys, empregados, [...] cães e gatos, e todas as pessoas que direta ou indiretamente tivessem a ver com os equinos, esses monstros desgraçados que, ainda por cima, eram o único assunto e preocupação exclusiva daquela gente horrível com quem convivia. (LLOSA, 2006, p. 102)

Discutindo acerca do relacionamento pós-moderno, Bauman enfatiza que não é uma tarefa fácil, pois este exige muito esforço para que se tenha segurança e sossego. Os momentos partilhados a dois em um quarto, por exemplo, nem sempre são palco de alegria e diversão. Em alguns casos pode até haver dramas cruéis, como brigas, desconfianças, medo, angústia, pois o ato de relacionar-se não quer dizer que você conhece totalmente o Outro. Para o autor, essa parceria que é o relacionamento, funciona muitas vezes como uma “coalizão de

interesses confluentes” (2004, p. 41), e esses interesses nada mais são do que oportunidades de crescimento financeiro, busca por estabilidade, reconhecimento, sucesso, entre outros. Desta maneira, muitas relações na atualidade tendem a ser flutuantes, frágeis e flexíveis

As pessoas procuram parceiros e buscam “envolver-se em relacionamentos” a fim de escapar à aflição da fragilidade, só para descobrir que ela se torna ainda mais aflitiva e dolorosa do que antes. O que se propunha/ansiava/esperava ser um abrigo (talvez o abrigo) contra a fragilidade revela-se sempre como uma estufa (...) (BAUMAN, 2004, p.41)

Com base neste posicionamento de Bauman sobre a fragilidade dos laços humanos, não poderíamos deixar de mencionar em *Travessuras da menina má* sobre o conturbado relacionamento da “menina má” com o gângster Fukuda. Relacionamento este que a nosso ver começa sua decadência enquanto ser humano, levando-a à ruína. O envolvimento da protagonista com Fukuda foi em Tóquio e aqui ela passa a se chamar Kurico. Ricardo ao reencontrá-la percebe que havia algo de errado, pois seu olhar era de uma pessoa angustiada, e neste momento pergunta a ela se tinha alguma paixão por Fukuda, e então responde:

- Não sei se é amor o que sinto por Fukuda. Mas nunca na vida dependi tanto de alguém como dependo dele. A verdade é que ele pode fazer comigo o que bem entender. [...] – Não é amor juro. Não sei o que é, mas isso não pode ser amor. Uma doença, ou melhor, um vício. Isso é Fukuda para mim. (LLOSA, 2006, p. 139)

Neste relacionamento, Kurico se deixava submeter a atividades sadomasoquistas constantes, pois Fukuda era dono de um motel chamado *Château Meguru*, que funcionava como um verdadeiro “paraíso” dos prazeres carnavais. Os negócios dele consistiam em contrabandear produtos afrodisíacos na África e na Ásia, e quem fazia essas viagens arriscadas para ele era Kurico. O japonês também a obrigava a manter relações sexuais com outros homens para que ele assistisse, inclusive Ricardo passou por essa situação de extrema humilhação. Por fim, o resultado do relacionamento de Kurico com Fukuda foi uma tragédia, porque embora sempre tivesse sido uma mulher muito determinada, neste momento de sua vida ela se deixa dominar pelos desejos e vontades de Fukuda, mesmo estando vivendo numa situação de constante desumanidade e humilhação, parecia gostar daquela vida medíocre.

Logo, para escapar dessa situação de risco em que se meteu a “menina má” embora não se importasse com as pessoas a sua volta e não desse tanta importância ao amor que

Ricardo sentia por ela, reconhece neste momento da sua vida que precisa da ajuda dele, pois se sentia insegura e com muito medo,

- A verdade é que pela primeira vez estou me sentindo insegura, sem saber o que fazer. Muito só. Nunca me aconteceu nada parecido, embora também tenha passado momentos difíceis antes. Para seu governo, eu vivo doente de medo. [...] – O medo é uma doença, também. Que paralisa, que anula. Eu não sabia e agora sei. Conheço algumas pessoas aqui em Paris, mas não confio em ninguém. Em você, sim. Esta é a verdade acredite se quiser. (LLOSA, 2006, p. 175)

No que diz respeito ao amor ao próximo, que é colocado por Bauman com a forma mais sublime do comportamento humano, levando isso para as inconstâncias da “menina má”, percebemos que embora seja determinada em conseguir o que quer, quando se trata do amor ao próximo se mostra muito inconstante, pois a única meta que tinha em toda sua vida era se realizar financeiramente e isso foi mostrado no decorrer do romance através dos seus conflituosos relacionamentos. Deste modo, essa busca constante por realização faz com que a protagonista perca de certa forma seu lado humano, tanto na maneira em que abandona seus ex-maridos, como também no momento em que se submete a situações de risco para se realizar, como por exemplo, seu relacionamento com Fukuda. Portanto, chega num determinado momento da vida da “menina má” em que ela se perde em meio às suas travessuras e ambições e precisa dessa aproximação com o outro para se completar e se ajudar.

Acreditamos então, que os únicos relacionamentos que contribuíram para desenvolver o lado humano de “menina má” foi com Ricardo e também por meio do contato com o menino Yilal, filho adotivo da família Gravoski, vizinhos de Ricardo. Através do contato com Yilal, podemos perceber o lado humano da “menina má”, pois ela se preocupava com ele. O menino era filho adotivo da família Gravoski, tinha nove anos de idade e não falava, sua mudez não se devia a nenhuma deficiência física orgânica, mas sim devido a algum trauma de infância, pois antes de ser adotado pelo casal, vivia no Vietnã que estava em guerra, motivo este que o tinha deixado órfão. A relação afetiva da “peruanita” com o menino era tão forte que ele, que nunca havia falado com os pais e nem com mais ninguém, conversou pela primeira vez por influência dela. Sua primeira fala foi no momento em que atendeu uma ligação na casa de Ricardo e havia falado com a “menina má”, fato que surpreendeu a todos. Passado alguns dias os laços de amizade entre a “menina má” e a família Gravoski foi se

estreitando de tal forma que Yilal ia à casa de Ricardo para brincar com ele e Otília. Um dia, ao chegar a casa de volta do trabalho, Ricardo escutou vozes vindo do interior dela,

Quando voltei para casa, assim que abri a porta, ouvi vozes e risadinhas no quarto. Fiquei quieto, com a porta entreaberta, escutando. Falavam em Francês e uma das vozes era da menina má. A outra, fininha, chiada, um pouco hesitante, só podia ser de Yilal. Minhas mãos ficaram úmidas, de repente. Permaneci em êxtase. [...] Não tinham me ouvido entrar. Fechei a porta da rua bem devagar e avancei até o quarto, exclamando bem alto em francês: - Aposto que estão jogando damas e a menina má ganha. Houve um silêncio instantâneo, e quando dei mais um passo e entrei no dormitório vi o tabuleiro de damas aberto no meio da cama e os dois sentados em cantos opostos, ambos inclinados sobre as peças. A figurinha de Yilal me olhava com os olhos relampejando de orgulho. E então, abrindo muito a boca, disse em francês: - Yilal ganha! (LLOSA, 2006, p. 195)

Este relacionamento fraternal com uma criança é algo que surpreende não apenas Ricardo, como também o próprio leitor, pois as cenas que se passam entre a “menina má” e Yilal são muito comoventes, havia algo tão forte e misterioso nela que fazia com que Yilal se sentisse seguro, protegido. Situação esta que deixa claro ao leitor que, embora tivesse se submetido a tantas travessuras ao longo dos anos em busca de riqueza e estabilidade, ela precisa dessa aproximação com o outro para se completar de alguma forma.

Retomando nossa discussão sobre a literatura pós-moderna, Linda Hutcheon (1991), no capítulo denominado “Teorizando o pós-moderno: Rumo a uma poética”, afirma que o pós-modernismo é contraditório, mesmo atuando fortemente sobre vários conceitos existentes, tais como: arquitetura, pintura, cinema, filosofia, música e até mesmo a própria literatura, entre outros. Logo, mesmo sendo contraditório atua dentre os próprios sistemas que tenta subverter e, por assim ser, não pode ser considerado como um novo paradigma. Para alguns críticos, os anos 60, 70 e 80, serviram para modificar e revolucionar a arte em geral, pois a partir desse período os artistas e escritores puderam utilizar de suas próprias experiências políticas, sociais e intelectuais para desenvolver sua escrita. Com isso, o desafio da literatura pós-moderna está justamente em questionar esse funcionamento das artes, que muda cada vez mais em busca de se solidificar.

Para Hutcheon, o pós-moderno nos desafia constantemente, pois nossa cultura não é homogênea, ela abre espaço às diferenças de classes, culturas, etnias, dessa forma, esse conceito de não identidade dá lugar às diferenças culturais e nos leva a uma comunidade descentralizada, o que é para a autora mais um paradoxo do pós-moderno,

A arte pós-moderna afirma de maneira idêntica, e depois ataca de maneira deliberada, princípios como valor, ordem, sentido, controle e identidade. [...] Esses princípios humanísticos ainda atuam em nossa cultura, mas muitos acreditam que eles já não são considerados como eternos e imutáveis. As contradições da teoria e da prática pós-modernas se posicionam dentro do sistema, e mesmo assim atuam no sentido de permitir que as premissas desse sistema sejam consideradas como ficções ou como estruturas ideológicas. Isso não destrói necessariamente seu valor de “verdade”, mas realmente define as condições dessa “verdade”. (HUTCHEON, 1991, p. 31)

A autora afirma que talvez essa limitação imposta pela visão pós-modernista, seja também uma possibilidade para que se possam estudar melhor as relações entre as criações sociais, estéticas, filosóficas e ideológicas. Todavia, para realizar este estudo é preciso que a crítica pós-modernista reconheça sua própria posição como criação ideológica “[...] as condições formais e temáticas da arte e da teoria pós-modernas atuam exatamente nesse sentido, de chamar a atenção tanto para o que está sendo contestado como para o que se oferece como resposta a isso, e fazê-lo de uma maneira autoconsciente que admite seu próprio caráter provisório” (HUTCHEON, 1991, p. 31).

Podemos visualizar no romance de Vargas Llosa que seus personagens se assemelham com a sociedade pós-moderna, pois mostra situações que não estão fora do nosso alcance. Em *Travessuras da menina má*, encontramos personagens com relacionamentos tão complexos quanto às pessoas reais que vivem num mundo onde necessitam de algo para escapar da nostalgia, da mediocridade, seja no sentido financeiro quanto no próprio relacionamento humano.

Ao traçarmos um paralelo entre a literatura pós-moderna e o período que compreende o Romantismo, podemos perceber que estes trilham caminhos diferentes, pois enquanto os escritores da literatura pós-moderna trabalham a própria condição humana, apontando através de seus personagens a nossa sociedade contemporânea e assim caracterizando-a, por outro lado, os escritores do período Romântico exibiam um homem que era movido pela emoção na qual prevalecia as vontades do próprio eu. Desta maneira, o mundo era mostrado com um olhar de puro sentimentalismo, fugindo totalmente do avanço da modernidade. Aqui prevalece o sonho, o devaneio quando tudo era idealizado inclusive a própria mulher, que embora fosse desejada, amada, não era tocada. Então, o que o escritor romântico fazia era expressar seus sentimentos através da emoção. A respeito do Romantismo, o escritor Afrânio Coutinho no seu artigo “O movimento Romântico” (2002, p. 07) afirma que,

[...] o romântico é exaltado, entusiasta [...] é relativista, buscando satisfação na natureza, no regional, pitoresco [...] e procurando pela imaginação, escapar do mundo real para um passado remoto ou para lugares distantes e fantasiosos. Seu impulso básico é a fé, sua norma a liberdade, suas fontes de inspiração a alma, o inconsciente, a emoção [...] Procura idealizar a realidade, e não reproduzi-la.

Em *Travessuras da menina má*, é interessante ressaltar que as atitudes amorosas dos protagonistas são totalmente diferentes, pois há uma dualidade muito grande no comportamento de ambos. Por um lado, temos “Ricardito”, um jovem sonhador, romântico, sensível que, embora seja determinado naquilo em que almeja, ainda vê o amor com muita pureza. Isso fica muito evidente no decorrer do romance, pois apesar de conseguir se realizar profissionalmente, percorrer o mundo e conhecer cidades como Paris, Londres, Tóquio, Madri, evidenciando as mais diversas culturas e costumes, ainda assim acreditava num amor puro, e esse amor talvez fosse de fato a única coisa que fizesse sentido em sua vida. Mesmo com vários encontros/desencontros com a “menina má” ao longo dos anos, o “bom menino” ao reencontrá-la, fazia sempre questão de se declarar, mesmo sabendo que para ela isso não passasse de “breguice”,

- Desejo você- sussurrei-lhe no ouvido, mordiscando a ponta da orelha. – Você está mais bonita do que nunca, peruanita. Quero você, desejo você com toda a minha alma, com todo o meu corpo. Nesses quatro anos não tenho feito outra coisa senão sonhar com você, amar e desejar você. (LLOSA, 2006, p. 99)

Neste trecho fica evidente que para o “bom menino”, nada mais no mundo era tão importante quanto o amor que sentia por ela. Enquanto as pessoas à sua volta lutavam pela revolução rumo ao progresso, ao poder e a glória, para ele o amor que sentia pela “menina má” era suficiente para mantê-lo vivo, mesmo este amor sendo tão indefinido e cheio de faces, o libertava de alguma forma.

É válido enfatizarmos que, embora fosse um homem bastante romântico que deixava muitas vezes se levar pela emoção, Ricardo consegue ao longo dos anos se desenvolver no trabalho e manter uma vida estável, ou seja, mesmo em meio a um relacionamento agitado e inconstante com a “menina má”, ele ainda encontra forças para progredir profissionalmente. O conhecimento que adquiriu em suas viagens de trabalho ao longo dos anos, não se perdeu em meio a sua vida emocional. Sendo assim, este “ser humano” que aparentemente era

movido apenas pelo amor, sai em busca de aprendizagem algo que o libertasse para além do sentimento nutrido por Otília.

Há também em seus momentos racionais, o reconhecimento por Ricardo de que sua vida era vazia, mesmo tendo se relacionado com outras mulheres na ausência da “menina má” e levando um trabalho bem sucedido, chega num determinado momento da sua vida que passa a refletir na sua existência e a acha monótona,

Porque minha vida era bastante normal, embora vazia. Trabalhava muito e fazia bem o meu trabalho, para preencher o tempo e receber um salário, não porque me interessasse- isso já era coisa rara-, e mesmo os meus estudos de russo e a quase infinita tradução de contos de Ivan Bunin, que eu desfazia e refazia, eram atividades mecânicas, que só muito de vez em quando me pareciam divertidas. Mesmo o cinema, os concertos, a leitura, os discos, eram apenas maneiras de ocupar o tempo e não atividades que me entusiassem, como antes. Também por esse motivo eu sentia rancor de Kuriko. Por sua culpa, eu perdera as ilusões que fazem da existência algo mais do que uma soma de rotinas. (LLOSA, 2006, p. 166)

No entanto, podemos perceber que o comportamento não apenas da “menina má” como também de Ricardo é muito paradoxal. Ao mesmo tempo em que ele a odeia por fazê-lo sofrer, tudo isso se dissolve quando ele a reencontra. Portanto, os encontros amorosos que são mostrados ao longo do romance com cenas explícitas de sexo, a cada novo reencontro dos protagonistas ultrapassa em nossa opinião o prazer momentâneo, pois há ali algo mais que amor por parte de Ricardo e para a “menina má”. Ao mesmo tempo em que parece apenas um momento de prazer, este envolvimento funciona aparentemente como algo fraternal. O que nos leva a essa constatação é o fato de que talvez por ter saído tão nova da casa dos pais, a “menina má” vê em sua relação com Ricardo, um carinho familiar que nunca teve por ter abandonado sua família e saído em busca de riqueza. Sendo assim, por mais que tenha desprezado Ricardo a maior parte da sua vida, é por intermédio dele que tem aconchego, carinho, cuidado, proteção.

Tais acontecimentos apresentados no romance de Llosa nos levam a refletir mais uma vez que o romance pós-moderno é de grande relevância a nós leitores, pois através dele nos multiplicamos no sentido de reconhecer através dele, muitas coisas que em nossa realidade parece estar obscuro. Isso é uma das grandezas do texto literário, propiciar ao autor trabalhar na/pela sociedade refletindo-a, fazendo com que esta se pense.

Linda Hutcheon considera o pós-modernismo como uma atividade cultural em andamento e que precisa ultrapassar uma definição estável. O que se precisa é de uma

“poética”, com uma estrutura teórica em constante mutação para que nós possamos organizar nosso conhecimento cultural, bem como desenvolver o senso crítico e não é apenas isso. É preciso também que essa poética ultrapasse o sentido estrutural da palavra e trilhe rumo ao estudo da prática e das teorias culturais. De acordo com a autora, essa poética do pós-modernismo funciona da seguinte forma:

Uma poética do pós-modernismo não proporia nenhuma relação de causalidade entre as artes ou entre a arte e a teoria. Ofereceria apenas, como hipóteses provisórias, sobreposições constatadas de interesse- no caso, especificamente em relação às contradições que julgo caracterizarem o pós-modernismo. Seria uma questão de ler a literatura por intermédio dos discursos teóricos que a circulam [...] e não como sendo contígua à teoria. (HUTCHEON, 1991, p. 32)

O que o pós-moderno faz de acordo com a perspectiva de Hutcheon, é questionar o funcionamento, produção e recepção da arte para que em meio a esse paradoxo possamos nos instruir em relação às indagações acerca do literário e do extraliterário.

CONCLUSÃO

Em *As Travessuras da menina má*, de Mario Vargas Llosa, acompanhamos um romance que trabalha o “amor” de uma forma diferente, mostrando através da protagonista, “menina má”, que não se vive num mundo de faz de conta e que o “amor”, embora muito importante para nós seres humanos, não é a única preocupação. Na vida esse sentimento cerca-se de uma complexidade ímpar como Llosa expõe. Em meio a tanta busca pela liberdade e aprendizagem, chega num determinado momento da existência que tal qual a “menina má”, o homem se perde em meio a sua própria busca. Quanto ao também protagonista Ricardo, que é visto no romance como um homem extremamente romântico e que colocava o amor que sentia pela “menina má” acima de tudo, percebemos que embora ele se deixe levar por essa condição de um amor não “correspondido”, no decorrer da sua vida adquire um conhecimento muito grande e há um progresso espiritual, profissional e intelectual nele, embora em meio a tanta desilusão.

Nesse sentido, com a leitura de *As travessuras da menina má* o leitor poderá perceber que essa “irrealidade” da obra reflete em nós, pois nos possibilita um conhecimento de mundo, porque o comportamento desses seres imaginários se confunde com a natureza da própria humanidade, que é constituída de múltiplas faces com um homem em franca desagregação.

Para nós, mencionar nestas páginas do trabalho a relevância da literatura para o homem é no intuito de defender que não existe sociedade sem literatura, pois ela é imprescindível para o crescimento social e intelectual de um povo. Caso haja essa sociedade sem o conhecimento da literatura, podemos afirmar que seus cidadãos estão aprisionados, pois junto à falta de liberdade temos um homem comum que não é atuante, crítico e que provavelmente aceita ou aceitará tudo que lhe for imposto. Acreditamos que nossa discussão acerca da relevância da literatura partindo do objeto de estudo, o romance *As travessuras da menina má*, tenha contribuído para mostrar ao leitor que não vivemos vinte e quatro horas do dia sem algum tipo de ficção, romance, pois precisamos de algo para preencher o vazio existencial. Isso a literatura torna possível com grande satisfação, pois nos liberta do caos rumo a novas aprendizagens, novos saberes.

Lendo literatura nossa insatisfação é dissolvida mesmo que por um breve momento, pois ao ler um bom texto, o leitor pode viver embora imaginariamente aquilo que na vida real

muitas vezes ele não consegue, ou seja, a ficção nos possibilita ir a um lugar outro para que nossa vida real seja mais plena de sentido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Zahar, 2004

BLANCHOT, Maurice. “A literatura e o direito a morte” In: *A parte do fogo*. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 1997

_____. “A literatura e a experiência original”. In: *O espaço literário*. Tradução de Álvaro Cabral. – Rio de Janeiro: Rocco, 1987

CANDIDO, Antonio. “O direito a literatura” In: *Vários Escritos*- 3ª ed- São Paulo: Duas Cidades, 1995

COMPAGNOM, Antoine. “A literatura” In: *O demônio da teoria: literatura e senso comum*. Tradução de Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fontes Santiago. 2ª ed – Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil: Era Romântica*- 6ª ed- São Paulo: Global, 2002.

DELEUZE, Gilles. “La Littérature et la vie”. *Critique et Clinique*, Minuit. Paris, 1993

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*; (tradução Waltensir Dutra; revisão de tradução João Azenha Jr.) – 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Tradução Ricardo Cruz. – Rio de Janeiro: Imago, Ed. 1991

LAJOLO, Marisa. “O texto não é pretexto”. In: ZILBERMAN, Regina. (Org.) *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982

MAGRIS, Claudio. “O romance é concebível sem o mundo moderno?”. In: MORETTI, Franco. (Org.) *O romance, 1: A cultura do romance*. Tradução de Denise Bottman.- São Paulo: Cosac Naify, 2009

PERRONE – MOISÉS, Leyla. “A criação do texto literário”. In: *Flores da Escrivadinha* – São Paulo: Companhia das Letras, 1990

PUCHEU, Alberto. (Org). “Literatura para que serve? ” In: CASTRO, Manoel Antonio de. *A construção poética do real*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2004

SANTOS, Luzia A. Oliva dos. *A literatura e as questões do ensino*. Revista ECOS. Ano 2011, edição nº 11, dezembro 2011. Disponível em: www.unemat.com.br . Acesso em 19 de Março de 2012.

SARTRE, Jean-Paul. *Que é a Literatura?*. Tradução: Carlos Felipe Moisés- 2ª ed- São Paulo: Ática, 1993

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Tradução: Caio Meira- 3ª. Ed- Rio de Janeiro: DIFEL, 2010

LLOSA, Mario Vargas. *Travessuras da menina má*. tradução Ari Roitman e Paulina Wacht - Rio de Janeiro: Objetiva, 2010

_____. *A verdade das mentiras*. Tradução Cordélia Magalhães- 3ª ed- São Paulo: Arx, 2004.

_____. “É possível pensar o mundo moderno sem o romance?”. In: MORETTI, Franco. (Org.) *O romance, 1: A cultura do romance*. Tradução de Denise Bottman.- São Paulo: Cosac Naify, 2009